

MOVIMENTOS DE APROXIMAÇÃO EM ETNOMATEMÁTICA: ESCUTA DIALOGADA E SABERES DA PESCA EM CURUÇAZINHO (VIGIA-PA)

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o momento de inserção no campo de pesquisa, a Vila de Curuçazinho/Vigia/Pará, representa mais do que uma etapa de coleta de informações, mas de um movimento de aproximação, escuta e reconhecimento do território, dos sujeitos e das relações que constituem o cotidiano da atividade pesqueira. A proposta fundamenta-se nas contribuições de Ubiratan D’Ambrósio (2012, 2016), na perspectiva da Etnomatemática,

OBJETIVO

GERAL: Estabelecer os primeiros contatos com a Comunidade Curuçazinho, buscando a observação e compreensão do seu contexto sociocultural, de suas práticas, saberes e fazeres cotidianos que possam constituir elementos de investigação no campo da Etnomatemática.

ESPECÍFICOS:

- Estabelecer diálogo inicial com os sujeitos da Vila de Curuçazinho construindo uma relação pautada no respeito, na escuta e na participação.
- Conhecer aspectos da história, da organização e das práticas cotidianas da comunidade.
- Realizar registros escritos e fotográficos, quando autorizados, como forma de documentar os primeiros momentos da aproximação com o campo.
- Levantar elementos que possam orientar as próximas etapas de investigação.

METODOLOGIA:

A metodologia faz parte de um projeto maior da pesquisa do doutorado que está organizado em quatro momentos, nesse trabalho foi tratado o primeiro momento, onde realizamos o primeiro contato com a comunidade, com apresentação da proposta de investigação, dos pesquisadores e das intenções do estudo.

Área de estudo A vila fica localizada no município de Vigia a 95 km de Belém, acesso pela PA 140 e o ramal de Curuçazinho.



Pa-140 – Acesso a Vigia



Ramal de acesso a Vila de Curuçazinho

Saberes e prática do pescador artesanal: conhecimentos construídos no cotidiano

Nossa referência na Vila foi a família do seu Carlos, com quem fizemos a primeira escuta e diálogo. Execeu a atividade da pesca do camarão durante 20 anos. O instrumento utilizado na pesca do camarão é a camarueira, pode ser confeccionada com tala de najá, com garrafa pet ou tela. A peca acontece no Rio e o Igarapé Curuçazinho.



Camarueira – instrumento Usada na pesca do camarão

Segundo seu Carlos, são duas maneiras de pesca o camarão, no inverno pode ocorrer durante a noite ou de dia, devido as águas estarem barrentas devido as chuvas; no verão as águas do rio ficam limpas, a pesca ocorre durante a noite, porque durante o dia o camarão não entra na camarueira.

Durante a maré baixa, no horário de 16 e 18 horas, são colocadas varas de 2 metros de altura, distantes entre si de 10 a 15 metros e amarradas umas as outras. Quando a maré dobra a enchente, no início da noite é feita a primeira despesca, e a camarueira permanece no rio, pela manhã é feita a segunda despesca e a camarueira é retirada.

Seu Carlos nos revelou como acontece a pesca no período de reprodução, assim que camarão sobe o rio para desovar nos poços d’água, o pescador organiza uma sequência de aproximadamente 6 a 10 iscas de babaçu, colocadas em sacolas com pedra para manter o saco no local desejado, formando uma espécie de linha ou fila de pontos para atração dos camarões. Quando os camarões se aproximam das iscas para se alimentar os pescadores jogam a tarrafa e os camarões são capturados.

No rio Curuçazinho pesca-se o camarão casca mole e do camarão casca dura, usando a tarrafa, a pulsar (também conhecida como puça) e tarrafa com isca. Também pescam peixe como a pescada, bacú, bagre, sardinha, sarda, gó, curvina e peixe pedra. Para pescar o peixe usam as malharias de 40 mm (pesca peixe de até 3 kg); 25 mm (pega peixe de bubuia ou flor d’água); a de 30 mm, segundo seu Carlos é a “rede da necessidade” é “aquela rede que se jogar no rio e não vier peixe é porque o rio não tem peixe”, e a rede malhuda (pesca peixe com mais de 8 kg).

RESULTADO E DISCUSSÃO

A prática desenvolvida pelo pescador chamou à atenção, por envolver diferentes conhecimentos mobilizados simultaneamente.

A organização espacial a quantidade utilizada de 6 a 10 pontos de iscas, por exemplo, o pescador estabelece uma sequência espacial e realiza uma organização quantitativa da atividade, assim como toma a decisão sobre onde colocar os sacos, como distribuí-los e quando lançar a tarrafa. D’Ambrósio (2012) define como o conjunto de artes e técnicas (ticas) de explicar e compreender (mathema) a realidade dentro dos contextos culturais (ethno) e explica que todo indivíduo vivo desenvolve conhecimento e tem um comportamento que reflete esse conhecimento, que por sua vez vai-se modificando em função dos resultados do comportamento (D’AMBRÓSIO, 2016).

Essas práticas indicam que a atividade pesqueira exige conhecimentos e um processo permanente de observação, interpretação e tomada de decisões. O conhecimento do pescador é construído na relação com o ambiente, compartilhado entre os sujeitos e está impregnado dos saberes e fazeres próprios de sua cultura (D’AMBRÓSIO, 2026).

Dessa forma, o processo investigativo vai se construindo e se aproximando da Etnomatemática no sentido de olhar as práticas não apenas como atividades econômicas ou culturais, mas como espaços nos quais os sujeitos mobilizam conhecimentos e organizam dentro da sua realidade.

Ficou encaminhado para próxima visita, a ida Rio Curuçazinho para demonstração do uso dos apetrechos da pesca.



Momento da escuta e do diálogo

CONCLUSÃO

O contato inicial evidenciou que a atividade pesqueira envolve um conjunto de conhecimentos construídos na experiência e na relação cotidiana com o território. Esses conhecimentos integram a cultura e o modo de vida da comunidade e podem contribuir para a reflexão sobre outras formas de produção e difusão do conhecimento.

REFERÊNCIAS:

D’AMBRÓSIO, Ubiratan. **Elo entre tradições e a modernidade**. 6. ed., 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2026.

D’AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação matemática: Da teoria à prática**. 23ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Perspectivas em Educação Matemática).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.